

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

**VANDER PINTO MAGALHÃES**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ÓLEO ESSENCIAL E SUA INFLUÊNCIA NO  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE NOVO ARIPUANÃ**

Novo Aripuanã  
2024



VANDER PINTO MAGALHÃES

### RELATO DE EXPERIÊNCIA

O óleo essencial e sua influência no desenvolvimento regional de Novo Aripuanã

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 30 de novembro de 2024.

### BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. André Luiz Passos Araújo  
Professor Orientador

Prof. Me. Leonardo Lucas Britto  
Membro

Prof. Dr. Tenner Inauhiny  
Membro

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ÓLEO DE PAU-ROSA E SUA INFLUÊNCIA NO  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE NOVO ARIPUANÃ

*Vander Pinto Magalhães<sup>1</sup>*  
*André Luiz Passos Araújo<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este relato de experiência em pesquisa histórica relata o desenvolvimento regional do município de Novo Aripuanã a partir da instalação de usinas para extração de óleo essencial de Pau-rosa, através da história oral de comunitários e ex-funcionários das usinas que operaram entre 1950 e 1970. Utilizando entrevistas com roteiro semiestruturados e, análise de acervo fotográficos e documental da época. O trabalho reconstrói a experiência dos trabalhadores e o impacto dessa atividade na sociedade. Os relatos indicam que as destilarias de Linalol trouxeram oportunidades de emprego, melhorou a infraestrutura básica da cidade e impulsionou o comércio na região, mas também impôs desafios, como a dependência econômica e o impacto ambiental. Além disso, a pesquisa revela a cadeia de produção e os postos de trabalho. Ao refletir sobre os efeitos desse ciclo econômico, o estudo contribui para a compreensão das relações entre exploração de recursos naturais e desenvolvimento regional. **Palavras-chave:** Ex.: História Oral. Desenvolvimento regional, Linalol. Ciclo econômico.

## 1. Introdução

O relato de experiência, inserido no universo acadêmico do curso de Licenciatura em História, reflete uma transformação no pensamento crítico e nas formas de interpretar o mundo, especialmente no que diz respeito à leitura e análise de fontes históricas. Essas fontes são essenciais para construir narrativas e responder às lacunas presentes no entendimento da sociedade. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo apresentar uma prática historiográfica no campo da história oral, analisando as memórias dos trabalhadores da usina de Pau-rosa, localizada em Novo Aripuanã, entre as décadas de 1950 e 1970. A pesquisa busca compreender o impacto que essa atividade exerceu no desenvolvimento regional do município a partir dos entrevistados, evidenciando as transformações sociais, econômicas e culturais desse período, valorizando as vozes e experiências dos trabalhadores que, muitas vezes, são silenciadas nas fontes oficiais.

Para entendermos melhor o que é História Oral vale levar em consideração o conceito de Meihy (2005 p. 17) para quem esse método [...] “é um recurso moderno, usado

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: [pintovander@yahoo.com.br](mailto:pintovander@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. E-mail: [luizpassos\\_am@yahoo.com.br](mailto:luizpassos_am@yahoo.com.br)

para elaboração de documentos, arquivamentos e estudo referente a experiência social de pessoas e grupos”. Acrescenta ainda, que pode ser entendida como “uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos, destinada a recolher testemunhos, promover análise de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato” (Meihy, 2005 p. 17).

Considerando a história oral como metodologia e, levando em consideração o potencial extrativista de Novo Aripuanã, observou-se que vários foram os ciclos econômicos nesta região. Nesse sentido esta pesquisa apresenta as peculiaridades dessa atividade de exploração da essência de Pau-rosa uma vez que, na literatura regional, quase nada faz referência a essa prática no município.

O interesse em relação ao tema ocorre pelo fato da existência de vestígios e histórias sobre essa atividade econômica estarem espalhados por toda a cidade, testemunhando o que outrora foi um importante atividade que modificou o cenário urbano da cidade e permeou o imaginário popular, definindo aspectos políticos e culturais de forma significativa.

No contexto dos ciclos econômicos, esta pesquisa abordará o extrativismo do óleo essencial (Linalol) de Pau-rosa (*Aniba rosaeodora Ducke*) e como essa prática reverberou enquanto elemento de desenvolvimento regional. Para investigar essa correlação, foram analisadas as narrativas de alguns ex-funcionários e comunitários da destilaria que articulava essa atividade no município.

Assim, este relato de experiência em pesquisa histórica se faz importante, em vista da raridade de trabalhos sobre o tema na região e, ao recorrer às narrativas dos trabalhadores, tenta-se preencher essa lacuna da história local, evidenciando seu relevante potencial de contribuição econômica, que se espalhou nas dimensões políticas, sociais e econômicas. Diante disso, documentar e publicar esse relato de experiência tem sua relevância para o registro da história de Novo Aripuanã e para a salvaguarda das memórias desses sujeitos históricos que atuaram nessas frentes de trabalho, além de fornecer material referencial para novas pesquisas. Para discutir esse assunto, dividiu-se o trabalho em três partes, os quais: o extrativismo do Pau-rosa em Novo Aripuanã, que trata de como começou a extração do óleo essencial na região até seu pico de exploração; Cadeia de extração, produção e os postos de trabalho na atividade de extração do óleo essencial de Pau-rosa em novo Aripuanã-Am, onde apresento por meio de figuras e tabelas a organização dessa exploração, bem como os eventos gerados por essa atividade e, Desenvolvimento regional no espaço tempo (1950-1970), onde

conecto o desenvolvimento regional ao ciclo da extração de Pau-rosa, bem como a elevação de Novo Aripuanã a categoria de município em 1955.

## **2. Procedimentos metodológicos**

Este trabalho de conclusão de curso, relato de experiência no formato de pesquisa histórica temática do município de Novo Aripuanã, foi desenvolvido seguindo o método da História Oral, sob a perspectiva de Meihy (2020), na modalidade História Oral Temática. A partir desse marco metodológico, criou-se uma rede de colaboradores que, ao serem contatados para participar da pesquisa, apontaram e indicaram outras pessoas que acrescentaram informações, formando a rede de narradores. Além disso, indicaram outras fontes permitindo a análise de documentos e acervo fotográfico da época para melhor compor as análises.

A execução das entrevistas seguiu as orientações do método proposto por Meihy (2020) baseada em entrevistas semiestruturadas que permitem a flexibilidade das questões possibilitando novos assuntos emergentes durante as respostas ou posicionamento dos entrevistados. Essa postura é importante, uma vez que se reduz, o máximo possível, a sugestão de temas que comprometam a narrativa que pode ser influenciada pela forma como a pergunta é exposta. Isto revelou aspectos interessantes das narrativas que se encontravam em camadas mais profundas das memórias dos entrevistados, que juntando-se a outras narrativas compuseram a memória coletiva sobre o tema proposto.

Apoiando-se nessa memória coletiva, Pollak (1989) enfatiza que elas representam uma forma de reconstituição histórica que desafia e complementa as narrativas oficiais. Justificando a necessidade de pesquisa que evidencie e torne público às experiências dessas pessoas construíram parte de nossa história. Em outras palavras, as vivências dos trabalhadores deram a eles experiências específicas de lidar com a atividade do pau-rosa as quais não seriam narradas se o fossem do ponto de vista de outros personagens envolvidos no processo. É esse traço da memória coletiva, compartilhada entre os trabalhadores, que vai definir sua identidade.

Para organizar a entrevista segue-se a orientação de Meihy (2005) que apresenta a entrevista como um processo composto por diversas etapas: o primeiro prevê a estruturação do ambiente e do equipamento de gravação, uma vez que qualquer interrupção no ambiente ou equipamento muito invasivo pode redirecionar a narrativa para outro caminho. Assim, as

entrevistas foram feitas na casa dos depoentes, em local tranquilo e com uso de aparelho celular para registro digital da narrativa. Em seguida, procedeu-se com a técnica da transcrição literal, onde a entrevista é transposta para o suporte escrito com todas as nuances da fala, vícios de linguagem, repetições e observações das emoções vivenciadas no processo. Conseqüentemente, procedeu-se com a textualização, onde é feito o tratamento da transcrição de modo a criar um texto coeso e ininterrupto, mantendo a postura ética e fidedigna do formato original e permitida pelo depoente para usá-la em produções documentais formando o as chamadas fontes orais.

Dessa forma, foram realizadas cinco entrevistas com pessoas que estiveram ligados nessa atividade nas décadas de 1950 a 1970, os quais: o Sr. Paulo Francisco Alves de Santana, de 63 anos, exercia a função de carregador; o Sr. Manoel Vivaldo Alves de Magalhães, de 71 anos, tinha função de carregador, cortador, triturador; o Sr. Raimundo de Oliveira da Silva (Curimatá), de 75 anos, carregador, foguista, lenhador e cantineiro; o Sr. José Elias Saldanha Colares (Nego Colares), de 64 anos, morador da cidade e, a Sra. Edith Alves dos Santos (Dona Eli) 90 anos, carregador(a).

Essa metodologia, por possuir elementos que se pautam na narrativa dos personagens analisados, esta sujeita a interferências por parte do narrador, que pode omitir ou enfatizar determinados fatos da história, influenciado pela sua memória, emoções ou intenções no momento do relato. Neste sentido, Thompson (1992, p. 197) considera que nenhuma fonte está isenta de subjetividades: “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar a subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de se atingir a verdade oculta”.

Além destas, foram utilizadas outras fontes orais não contempladas pelo projeto desta pesquisa, pois foram produzidas a partir do projeto Relato de experiência acadêmica: memórias de trabalhadores do pau-rosa em Novo Aripuanã (1960 - 1970), de autoria da acadêmica Lília Quadro de Carvalho, que possuem informações importantes para os intentos desta pesquisa. Dessa feita, utilizou-se fontes orais de entrevistas com: Sr. Geraldo Rodrigues França, de 79 anos, foi cortador, lenhador, foguista, triturador e transportador; e o Sr. Anibal Bentes Ferreira, de 89 anos, função de mateiro.

### **3. Extrativismo do Pau-rosa em Novo Aripuanã.**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

No contexto amazônico ao se falar em extrativismo é comum fazer a associação a ciclos de exploração de matéria prima mais notáveis, a exemplo da borracha e de todos os atributos que caracterizavam a economia gomífera. Porém, como enfatiza Bitencourt (2016), existem outros produtos que desempenharam um papel importante na história do extrativismo na Amazônia e o Pau-rosa é um deles.

Outros produtos foram e são extraídos, conservando características econômicas e relações sociais de produção semelhantes àquelas do período áureo da borracha. Dentre estes produtos, temos o óleo essencial de Pau-rosa, madeira nativa da região amazônica, principal fonte natural de Linalol, extraído por destilação a vapor. [...] No Brasil, vem sendo explorado para comercialização da sua essência desde 1926. O país tornou-se o único exportador e o produto chegou a ocupar o terceiro lugar na pauta das exportações da Amazônia (Bitencourt, 2016, p. 17).

Antes de o Governo Estadual elevar Novo Aripuanã para a categoria de município em 1955, já haviam implantadas usinas de extração de Pau-rosa na região. A primeira usina, instalada na década de 1940, ficava próxima a atual Igreja de São Francisco no Bairro Nossa Senhora da Conceição e, por volta do final da década de 1950, outra foi instalada na margem direita do Rio Aripuanã, próximo ao Igarapé do Laguinho. A narrativa da Sra. Edith resgata um pouco desse contexto:

[...] Trabalhei nessa Usina era limpando, ajuntando casca de pau... eu tinha uns 13 anos mais ou menos. [...] Naquele tempo tinha o Joaquim Andrade eles começaram a usina, depois já era outro dono, foi passando de um para outro e, passou lá pro Laguinho. Era ali onde é a igreja de São Francisco, lá que era a Usina. (Entrevista com a Sra. Edith Alves dos Santos – Dona Eli).

Nascida em 1934, Dona Eli relata que trabalhou aos 13 anos como carregadora em uma usina. Levando em consideração a idade que ela revela ter, quando começou sua atividade na cadeia produtiva do Pau-rosa, entende-se que nos anos de 1940 a extração e beneficiamento do linalol era consolidada em Novo Aripuanã. Sobre isso, oferecem pistas no sentido de afirmar que “nos estados do Amazonas e do Pará, nas décadas de 1930 e 1940, mais de 40 usinas foram implantadas para processamento desse óleo essencial. Na década de 1950, havia cerca de 50 destilarias, a maioria no Estado do Amazonas, variando a produção de 100 t até 600 t anuais, dependendo da flutuação dos preços mundiais” (Kissin 1952, apud Homma, 2014, p. 76). Conforme os depoimentos apontam, Novo Aripuanã estava inserido nesse contexto e apresentava grande potencial de produtividade.

### **3.1 A Extração de óleo essencial de Pau-rosa como ciclo econômico em Novo Aripuanã**

A extração de óleo essencial de Pau-rosa em Novo Aripuanã pode ser entendida como parte de um ciclo econômico típico da Amazônia e, semelhante a outros ciclos de exploração de recursos naturais na região, marcou um relativo desenvolvimento local. Esses ciclos seguem um padrão de intensa exploração, boom econômico, seguida por declínio e crise, geralmente devido à intensa exploração, levando esses recursos à quase extinção. O ciclo econômico consiste em um processo caracterizado “pela reativação da(s) atividade(s) econômica(s) que produz, o principal elemento que o caracteriza enquanto ciclo, um surto de crescimento econômico, seja ele breve ou longo, mas que num dado momento declina” (Pontes Filho, 1997, p. 35-36)

Observando essa perspectiva de ciclo, pode-se dizer que os surtos de exploração se direcionaram para vários tipos de matérias primas não se restringindo apenas ao látex. Com isso, pode-se considerar que houve vários ciclos que compuseram a economia extrativista da Amazônia, e a exploração do óleo essencial de Pau-rosa não fica de fora desse circuito, embora apareça com força menos impactante que os ciclos clássicos.

A associação entre o extrativismo da borracha é factível na historiografia amazônica, devido à importância da economia gomífera para a região, porém outros produtos foram e são extraídos, conservando-se as diretrizes econômicas e relações de produção semelhantes àquelas do ciclo da borracha. Dentre esses, destaca-se a essência de pau-rosa, [...] cujo processo de extração mantém características remanescentes do passado, o que permitiu inferir que diversas estruturas econômico-sociais perpassam o tempo. (Rodrigues et al., 2016, p. 177).

Seguindo a mesma linha de pensamento, muitas atividades extrativistas na Amazônia são frequentemente esquecidas pelas produções historiográficas. Nesse contexto, observa-se que Novo Aripuanã enfrenta uma carência de estudos que abordem essas atividades econômicas que, em certa medida alicerçaram seu desenvolvimento.

A produção historiográfica, em grande parte, ‘esquece’ o restante dos itens extrativos regionais. Os produtos naturais explorados historicamente na Amazônia, entretanto, não se restringem à borracha. O cacau, a castanha, a balata, a sorva, o pau-rosa, a copaíba, a andiroba, o puxuri [...] têm um significado importante para a compreensão da economia e da sociedade da região (Meira, 1995, p. 224, apud Rodrigues *et al.*, 2016, p. 178).

### **3.2 Pico da exploração.**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O ápice do ciclo econômico do Pau-rosa em Novo Aripuanã perdurou entre as décadas de 1950 a 1970, quando já existiam empreendimentos de destilação do óleo essencial (Linalol) no município. Havia ainda uma demanda internacional desse produto que tornava a atividade pujante na região. Esse período de 20 anos de exploração obedecia a uma cadeia produtiva que consistia no proprietário da usina no topo, que distribuía a mão de obra e oferecia trabalho à população, configurando um empreendimento de caráter privado. Nesse sentido, pela lógica do capital, a riqueza produzida pela exportação do óleo servia para o acúmulo e reaplicação, ficando apenas uma parte que era empregada em pagamentos pela força de trabalho que era explorada no processo. Apesar desse contexto de acumulação, a cidade experimentava, segundo os entrevistados, uma espécie de crescimento e desenvolvimento gerando certa estabilidade econômica entre os trabalhadores que podia se servir dos postos de trabalho oferecidos.

A usina de pau rosa [...] acredito que seja a primeira fonte de emprego que não foi na prefeitura em Novo Aripuanã [...] Agora ele empregava muita gente também devido as pessoas que iam para o mato trabalhar para tirar o pau rosa... com isso, abria outras frentes de trabalho e, se a gente for analisar tudo tinha muita gente empregado dependendo da usina, no caso as pessoas tiravam o pau rosa no mato, os que transportavam era muita gente fazer isso. (Entrevista com o Sr. José Elias - Nego Colares).

A narrativa do Sr. José Elias expõe três principais informações que vão ao encontro da ideia de um período de pujança econômica no município: ele destaca, em primeiro lugar, que a atividade promoveu uma espécie de desvinculamento do trabalho com o setor público abrindo possibilidade de empregabilidade da comunidade para a iniciativa privada; em segundo lugar, abriu novas oportunidades de emprego que, excetuando os serviços mais técnicos, não exigia muita especialização e poderia ser feito por muitos; por fim, ele destaca a emergência de novos postos de trabalho tanto na sede como no interior. Essa particularidade demonstra que, de alguma forma, a atividade de extração de essência de pau-rosa quebrou uma rotina de subsistência de muitos anos.

A chegada do fim da década de 1950 – quando o comerciante David Gatenha instala uma destilaria na cidade com equipamentos que adquiriu no município de Autazes – demonstra que as narrativas dos depoentes parecem ser mais consistentes e ricas em detalhes. Assim, o relato do Sr. Manoel Vivaldo ao se lembrar das instalações da usina e os processos a extração dos produtos da região expõe:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Tinha duas casas pelo do lado direito, que ela fica de frente pra margem do rio [...] tinha alguns funcionários dele [...] ele fez tipo uma rua, que tinha alguns funcionários que moravam lá com suas famílias, inclusive eu tive uma irmã que ela e o marido dela moravam lá, porque o marido dela trabalhava pro senhor David também, ele trabalhava como motorista do barco do senhor David (Entrevista com o Sr. Manoel Vivaldo).

Tinha acho que umas, umas seis ou sete casas assim na lateral, além disso, tinha um grande armazém que [...] quando vínhamos na época da castanha e a gente trazia borracha e trazia a castanha, era descarregado [...] nesse armazém grande que servia de depósito também pra produção e, lá ele tinha toda a mercadoria que ele vendia pros seus funcionários e, todos os trabalhadores [...] compravam dele, mantimentos de casa mesmo, açúcar, café muitas coisas [...] ele era uma pessoas que, claro, era comerciante e vivia daquilo [...] vendendo ele mesmo para o trabalhadores com certeza ele lucrava muito mais, ao invés de eles irem comprar em outro lugar, compravam dele, com isso o comércio dele funcionava muito bem. (Entrevista com o Sr. Manoel Vivaldo).

Nesta narrativa o Sr. Manoel Vivaldo, dá pistas a respeito da estrutura das instalações e dos equipamentos, bem como, do trato que ele tinha com seus funcionários. Ao que parece, havia uma espécie de relação no trabalho que tornava o funcionário quase que dependente do dono da usina, uma vez que representava a segurança de um trabalho estável. Assim, pode-se dizer que Davi Gatenha cativava seus funcionários oferecendo a eles moradia e emprego, recebendo em contrapartida os ganhos dos funcionários que eram gastos em seu próprio armazém na usina. O método adotado pelo Sr. Davi parece remeter aos moldes do sistema de aviamento, configurado, evidentemente, em uma espécie de bondade e de relação de ajuda mútua, o que acabava por envolver os munícipes que ociosos e sem perspectiva de sustento senão aquelas dispostas antes da exploração do pau-rosa.

O potencial de produtividade da usina era considerável, daí a necessidade de relativa mobilização de mão de obra, o que parecia bom para ambos os sujeitos envolvidos no processo: para os trabalhadores, garantia de emprego; para o patrão, certeza de aumento da produção e mais acúmulo.

Olha, chegava em batelões de até sessenta toneladas de madeira e, ter uma base assim, da quantidade por exemplo mensal é um tanto difícil de se dizer, mas pelos barcos que chegaram na Usina com madeira [...] não faltava madeira, porque se faltasse a madeira parava o trabalho e, se calcula [...] cada um batelão tinha cinquenta, sessenta tonelada e traziam quatro ou cinco viagem por mês, é questão de duzentos e cinquenta, trezentas toneladas por mês. (Entrevista com do Sr. Manoel Vivaldo)

Ditado pela demanda internacional a exploração era crescente, porém também era crescente consciência ambiental e a regulamentação internacional da exploração de espécies ameaçadas começaram a ter impacto no mercado. O Pau-rosa foi incluído na lista de espécies ameaçadas de extinção, e a exploração passou a ser mais controlada, com restrições à exportação e exigências de manejo sustentável.

Desde a década de 30, a legislação ambiental obrigava o explorador a plantar uma árvore de pau-rosa para cada cinco quilos de essência produzida. Na década de 60, uma nova legislação vigente decretava o plantio de quatro mudas da espécie para cada metro cúbico de madeira extraída (Leite, A. M. C.; Quisen, R. C.; Sampaio, P. de T. B, 2001, p. 05).

Assim, as ressalvas em relação à exploração do pau-rosa começaram a pesar sobre a produtividade. O que antes era feito de forma desordenada, garantindo maior lucratividade passou a ser freado por conta dos limites legais. A acentuação da vigilância garantia, em certa medida, alguma restrição no escoamento das toras de árvores e assim por diante, afetando o processo de produção. A fala do Sr. Anibal a seguir ilustra uma dessas fiscalizações.

[...] vieram de avião e foram de voadeira, e pegaram a balsa cheio de pau-rosa. Ei e, essa balsa de quem é? [...] você sabia que é proibido tirar isso? eu digo: não, tô sabendo agora que você tá falando. Pois é chefe, você não trabalha mais nessa madeira porque nós estamos proibindo. [...] tá bom, nós já vamos embora. E foram embora [...] Só fizeram dar um aviso. Aí eu também não fiz mais teimosia nenhuma. Aí eu chamei os meninos digo: meus filhos vamos parar com esse negócio. Os homem da lei já vieram aí já, e mandaram eu parar aí eu tenho que obedecer. E agora? Vamos pra roça... (Entrevista com o Sr. Anibal Bentes Ferreira).

Durante as décadas de 1950 e 1970, o pau-rosa ainda era um dos principais produtos de exportação da região. No entanto, a exploração intensiva, sem práticas de manejo sustentável, começou a levar ao esgotamento dos recursos naturais em várias áreas de extração, incluindo Novo Aripuanã. Esse esgotamento resultou na diminuição da oferta de pau-rosa. Soma-se a isso a restrição legal que, embora não evitasse a exploração desordenada, exigia a construção de estratégias complexas para a continuidade do trabalho.

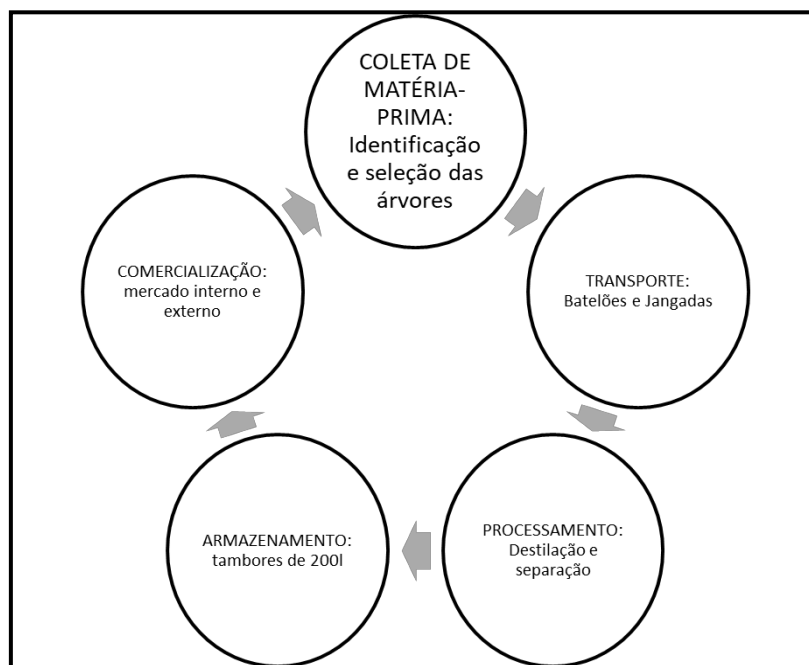
#### **4. Cadeia de extração, produção e os postos de trabalho na atividade de extração do óleo essencial de Pau-rosa em novo Aripuanã-am.**

A grande demanda internacional pelo óleo essencial oportunizou criação de posto de trabalho em Novo Aripuanã:

Na Amazônia existe um grande número de espécies vegetais com potencial de geração de renda e de melhoria das condições socioeconômicas da região. Dentre estas, o Pau-rosa (*Aniba rosaeodora* Ducke - Lauraceae) é uma espécie florestal de destaque que produz óleo essencial requerido pela indústria de perfumaria fina mundial por sua excelente fragrância (Marques, 2001; Zanin e Lordello, 2007, apud Krainovic 2017, p. 01).

Assim, é possível compreender a cadeia produtiva do pau-rosa a partir da divisão do trabalho implícita na atividade. Os postos de trabalho das usinas eram formados por dois grupos: os extratores e os operários. Os extratores eram responsáveis da seleção, corte e transporte das árvores mata adentro, enquanto os operários trabalhavam de maneira mais fixa dentro do complexo da usina. Esquemáticamente, esses postos de trabalho se definiam da seguinte forma:

**Figura 1:** Demonstra a Cadeia de Exploração do óleo essencial de Pau-rosa:



Fonte: Vander P. Magalhães 2024

**1) Postos de Trabalho na logística da extração desde o transporte até o corte raso:**

*Mateiro*, responsável por marcar árvores de Pau-rosa e abrir caminho na mata; *Serrador ou lenhador*, responsável por cortar as toras de Pau-rosa em pequenos pedaços chamados de cavacos, com auxílio da ferramenta roladeira; *Jamxinzeiro ou carregador de peso*, responsável por carregar a madeira até a beira da estrada com auxílio do jamxim e, *Motorista de batelão*, responsável de levar as toras dos rios até a usina, bem como de levar os tambores com a essência até aos compradores.

**2) Posto de Trabalhos no quadro da Usina:**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

*Lenhador*, responsável por partir lenhar e pela manutenção do fogo que movia a caldeira; *Carregador*, responsável por carregar as lascas e levar até ao triturador e aos tambores de essência e levar até os batelões para seguirem os destinos; *Triturador*, responsável por operar a máquina de triturar os cavacos; *Foguista*, responsável pela caldeira, tanque de médio porte movido a vapor, que destilava os cavacos de Pau-rosa; *Cantineiro*, responsável pela venda dos alimentos aos trabalhadores e a frente do controle dos vales; *Destilador*, responsável por encher os tambores de óleo de Pau-rosa e, *Gerente*, responsável pela contratação, organização e contabilidade da usina.

Por ser uma atividade que exigia a procura de árvores dispersas na natureza, a atividade de extração necessitava essencialmente de grande quantidade de terras a ser exploradas. Isso justifica o latifúndio angariado pelo principal empresário do ramo na região na época. A tabela a seguir demonstra as posses rurais do Sr. Davi Gatenha no município de Novo Aripuanã, confeccionada a partir de declarações para cadastro de proprietário rural – INCRA (1964), documentos cedidos pela viúva do Sr. Dico Tipipi, o famoso guarda livros do Sr. Davi.

O Dico Tipiti, trabalhava com o David. Ele era o [...] guarda livro [...], porque tudo era resolvido pelo Dico. [...] ele que era o chefe da procuração. Era o caixa falado. hoje em dia se chama o caixa, naquele tempo era [...] guarda livro. Era o Dico Tipiti. (Entrevista com o Sr. Anibal Bentes)

**Tabela 1:** A tabela a seguir demonstra Algumas das propriedades como denominação sugestiva e, potencialmente fornecedora dos recursos naturais (óleo essencial, madeira entre outros):

Ordem	Imóvel	Localização	Ano cadastro	Área (ha)
01	Saracura	M. E. Cipotuba	1964	150,00
02	Seringal	M. D. igarapé do Laguinho	1964	50,00
03	Tapira	Lago do Cipotuba	1964	900,00
04	Cotovelo	M. E. Rio Aripuanã	1964	425,00
05	Perseverança	Foz do Rio Aripuanã	1964	39,00
06	Natal	M. D. Rio Aripunã	1964	1.500,00
07	Limão verde	Rio Aripuanã	1964	400,00
08	Titã tara 1º	Rio Mariepaua	1965	5.000,00
09	Tira tara 2º	Rio Mariepaua	1965	5.000,00
10	Tira tara 3º	Rio Mariepaua	1965	5.000,00
11	São Raimundo	-----	-----	20,00
12	Açaí grande	-----	-----	1.500,00

Fonte: Vander P. Magalhães, 2024.

Percebe-se com a tabela que existiu sob propriedade do Sr. David uma significativa quantidade de terras, de onde ele não extraía apenas o pau-rosa, embora fosse esse o negócio mais engajado, mas também havia extração de látex e castanha, por exemplo, que eram remetidos à capital, Manaus para agências exportadores.

Nesse sentido, vale destacar que o óleo fixador produzido pela usina de Novo Aripuanã não era exportado diretamente pela empresa do Sr. David. Ele as vendia para empresas exportadoras instaladas principalmente em Manaus e Itacoatiara como é o caso da CIEX, que é lembrada pelos entrevistados:

Era vendida para uma firma, para uma empresa, localizada em Itacoatiara chamada “CIEX”, para lá que seu Davi vendia a produção do óleo (Entrevista com o Sr. Paulo Santana).

Por semana, era 3 tambor, 3 e meio por semana... Desses grandes de 200 litros. Óleo puro. O patrão levava, mandava pra Manaus. Só sei que ia pra Manaus. (Entrevista com o Sr. Geraldo Rodrigues França).

O Grupo CIEX é um dos mais tradicionais grupos empresariais na Região Norte do Brasil e tem sua origem em Manaus quando seu fundador, Isaac Jacob Benzecry, iniciou suas atividades com a empresa I. J. Benzecry no ano de 1936. (<http://www.ciex.com.br> acesso em 15/11/2024).

## **5. Desenvolvimento regional no espaço tempo (1950-1970).**

Analisando o contexto geral do cenário da atividade extrativista, pode-se afirmar que o desenvolvimento regional de Novo Aripuanã está atrelado ao ciclo econômico do Pau-rosa, bem como, aos mandatos políticos a partir da elevação do município em 1955. Essa relação pode ser estabelecida nessa análise em vista de os primeiros prefeitos da cidade possuírem forte vínculo com a atividade extrativista. A ascensão política de Davi Gatenha, no ápice da extração do óleo essencial, é uma marca dessa afirmativa. Davi, com sua posição de patrão de muitos, conseguiu vencer cargos eletivos sendo prefeito da cidade, vereador, presidente da câmara dos vereadores, e ainda ajudou a eleger seu sucessor na prefeitura. Sua vida como homem público é comumente lembrada como um divisor de águas para a cidade, que viu consolidar o crescimento urbano e demográfico. Dentre os feitos de seus mandatos destacam-se:

Limpeza e abertura de ruas e travessas; Construiu o prédio do órgão rodoviário na Av. 19 de dezembro. Antiga pousada dos professores; Iniciou a construção da Escola Francisco Sá; Construiu uma pequena praça em frente à igreja matriz; Realizou a compra de um motor de luz que foi instalado na Rua Cônego Bento. (Gouvea, 2021, p. 67).

De 1964 a 1968, assumindo novamente o cargo executivo da cidade, Davi Gatenha realizou os seguintes feitos:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Abertura de algumas ruas e continuação da Av. 16 de Fevereiro, que era até a Rua Coronel Paes; Continuou a obra da escola Francisco Sá com quatro salas de aula; construiu a escadaria e um pequeno abrigo em formato de meia água e realizou o calçamento da Av. 19 de Dezembro no trecho do cemitério velho até a escadaria. (Gouvea, 2021, p. 68).

Vale destacar, que outro importante indivíduo de família empresarial da região – proprietários do seringal Belém, no rio Madeira – o Sr. Sebastião Duarte Alecrim, também teve uma carreira política alicerçada na sua influência enquanto sujeito do extrativismo sendo eleito para o pleito de 1969 à 1972, e realizou as seguintes obras:

Prefeitura Municipal, na Av. 19 de dezembro, onde atualmente funciona o poder judiciário; Câmara Municipal, na Av. 19 de dezembro, onde atualmente funciona a Defensoria Pública, ao lado da Escola Francisco Sá; Aquisição da CELETRAMAZON, órgão do Estado responsável pelo abastecimento de Energia Elétrica na cidade; Finalizou e inaugurou a Escola Estadual Prof. Francisco Sá em 1969; Deu suporte para a construção do primeiro aeroporto, que contou com a parceria do FREI JULIO (TOR); Iniciou a construção do hospital na Av. 16 de Fevereiro; Construiu uma pequena delegacia com 02 celas, na Av. 19 de dezembro; Construiu uma Biblioteca na Av. 19 de Dezembro. Atualmente neste prédio funciona o cartório eleitoral e deu continuidade a abertura de ruas. (Gouvea, 2021, p. 69).

Ao passar dos anos o município foi se estruturando e outras entidades, empresas foram se instalando e o comércio urbano crescendo. Novo Aripuanã, que desde sua criação em 1955 era um município significativamente rural, passou a ter uma vida urbana mais pujante ao final da década de 1970, um acréscimo de 88,25%. Enquanto isso, a população rural teve uma estagnação em crescimento.

**Tabela 2:** População absoluta urbana e rural de Novo Aripuanã 1960 a 1980

Série histórica	Urbana	Rural	Total
1960	1314	5000	6314
1970	1860	7040	8900
1975	2000	8000	10000
1980	2473	7687	10160
Crescimento (%)	88,25%	53,74%	

**Fonte:** Isabela S. Colares; Felipe B. Pimenta, 2022; IBGE: censo demográfico: 1980.

Ao analisar esse quadro de crescimento da população, vale destacar uma espécie de previsão do Sr. Davi Gatinha em relação à sede do município, que é o que parecia lhe fazer

pensar na urbanização da cidade e no incremento da economia. A fala é trazida à tona pela narrativa do Sr. Anibal, que diz:

Daqui a alguns anos não vai mais entrar comerciante, [nos rios] vai se acabar essa história. Quem quiser comprar os seus ranchinhos e ficar morando no interior, tem que ir lá na cidade em Novo Aripuanã. E aconteceu, pois é. (Entrevista com o Sr. Anibal Bentes Ferreira).

## 6. Considerações finais

A exploração dos recursos naturais na Amazônia não é uma novidade, o que é novo são as narrativas catalogadas a respeito das atividades que impulsionaram o desenvolvimento de uma sociedade, principalmente naquelas regiões que não possuem documentação oficiais que comprovem tal atividade.

Novo Aripuanã é um dos municípios onde a exploração do pau-rosa foi levada à sério, possibilitando na década de 1940 a instalação de uma destilaria, para impulsionar e facilitar a exploração e consequente exportação do produto. Nesse período de máxima produção, não houve ações de sustentabilidade, consequentemente o recurso ficou escasso e as leis mais rígidas, levando essa atividade ao declínio naquela região.

Por fim, este trabalho ao analisar documentação e as narrativas dos trabalhadores do pau-rosa, problematiza a questão de que a exploração do linalol esteve inatamente relacionada com o desenvolvimento do município uma vez que, a classe política daquele tempo foi constituída por empresários do ramo do extrativismo e que suas ações foram responsáveis pelo crescimento urbano.

## 8. Fontes Orais

Anibal Bentes Ferreira. **História Oral Temática: Memórias de ex-trabalhadores da extração do óleo essencial de pau-rosa em Novo Aripuanã-Am nas décadas de 1960-1970.** Entrevista cedida a Lilia Quadro de Carvalho. Novo Aripuanã, Amazonas, outubro de 2024.

Geraldo Rodrigues França. **História Oral Temática: Memórias de ex-trabalhadores da extração do óleo essencial de pau-rosa em Novo Aripuanã-Am nas décadas de 1960-1970.** Entrevista cedida a Lilia Quadro de Carvalho. Novo Aripuanã, Amazonas, agosto de 2024.

Edite Alves dos Santos. **O óleo de Pau-rosa e sua influência no desenvolvimento regional de Novo Aripuanã.** Entrevista cedida a Vander pinto Magalhães. Novo Aripuanã, Amazonas, outubro de 2024.

José Elias Saldanha Colares. **As narrativas dos ex-funcionários e colaboradores da Usina de extração do óleo essencial do Pau rosa em Novo Aripuanã na década de 1970.** Entrevista concedida a Lilia Quadro de Carvalho; Vander Pinto Magalhães, Sabrina Borges da Costa. Novo Aripuanã, Amazonas, fevereiro de 2024.

Manoel Vivaldo Alves de Magalhães. **As narrativas dos ex-funcionários e colaboradores da Usina de extração do óleo essencial do Pau rosa em Novo Aripuanã na década de 1970.** Entrevista concedida a Lilia Quadro de Carvalho; Vander Pinto Magalhães, Sabrina Borges da Costa. Novo Aripuanã, Amazonas, fevereiro de 2024.

Paulo Francisco Alves de Santana. **As narrativas dos ex-funcionários e colaboradores da Usina de extração do óleo essencial do Pau rosa em Novo Aripuanã na década de 1970.** Entrevista concedida a Lilia Quadro de Carvalho; Vander Pinto Magalhães, Sabrina Borges da Costa. Novo Aripuanã, Amazonas, fevereiro de 2024.

Raimundo de Oliveira da Silva. **As narrativas dos ex-funcionários e colaboradores da Usina de extração do óleo essencial do Pau rosa em Novo Aripuanã na década de 1970.** Entrevista concedida a Lilia Quadro de Carvalho; Vander Pinto Magalhães, Sabrina Borges da Costa. Novo Aripuanã, Amazonas, fevereiro de 2024.

## 7. Referências

BITENCOURT, Miriam Souza; **Mandatários, solteiros e abonados: relações de trabalho, trabalhadores e trabalhadoras nas usinas de pau-rosa (1950-1980).** 2016. 127 f.:

COLARES, Isabela Soares; PIMENTA, Luiz Felipe Buzaglo. **Ciclos Econômicos e os reflexos no Espaço urbano do município de Novo Aripuanã-Am.** Geografia (Londrina) v.31. n.2 – pág. 107- 127, julho. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/45579/32207>. Acesso em: 20 março de 2024.

Ciex – comércio e indústria de exportação - LTDA. **Plataforma – Grupo Ciex.** Manaus. AM. Disponível em: <http://www.ciex.com.br/>. Acesso em 15 nov. 2024.

GOUVEA, Francisco Carlos Ferreira. **História do Nosso Povo.** Novo Aripuanã-Am. Campinas, SP: D7 Editora. 2021.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Extrativismo do óleo essencial de pau-rosa na Amazônia.** In: HOMMA, Alfredo Kingo Oyama (ed). Extrativismo vegetal na Amazônia: História, ecologia e economia e domesticação. Brasília: Embrapa, 2014. p. 76-94.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, Rio de Janeiro: IBGE, Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=772>. Acesso em 11 nov. 2024.

Krainovic, P. M. **Silvicultura de pau-rosa (Aniba rosaeodora Ducke): Alometria, manejo e produção de óleo essencial na Amazônia Central.** 2017. 148 p. Tese (doutorado em Ciências de florestas tropicais) Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, Manaus, 2017.

LEITE, A. M. C.; QUISEN, R. C.; SAMPAIO, P. de T. B. **Pau-rosa (*Aniba rosaeodora* Ducke) Lauraceae): informações sobre o sistema de plantio e o manejo sustentável da espécie.** Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2001. 20 p. (Embrapa Amazônia Ocidental. Documentos, 13).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da História Oral.** 5 ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_, José Carlos Sebe Bom; Holanda, Fabíola. **Historia Oral: como fazer, como pensar.** José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola de Holanda -2. Ed. 8ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n10, 1992, pág. 200-212.

\_\_\_\_\_, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n3, 1989, pág. 3-15.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Terceiro ciclo: promessa ou projeto para o Amazonas.** Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente.** Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

RODRIGUES, R. A. *et al.* Novo Cadernos – NAEA. **Trabalhadores na produção da essência de pau-rosa na Amazônia** v. 19, n. 2, p. 173-191, maio-agosto, 2016.